http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-76660

A ética do silêncio, a vagareza e o tempo para pensar nas aulas de Ciências

Mari Teresinha Alminhana Panni[*]

Claudia Glavam Duarte[**]

Resumo: Este artigo resulta de um projeto de tese de doutorado que busca compreender a potência do silêncio e da vagareza em uma turma de sexto ano do ensino fundamental, durante as aulas de Ciências. Entre as análises realizadas, destaca-se a combinação da ética do silêncio com a vagareza nos processos de aprendizagem. O artigo explora como essas dinâmicas se manifestam nas aulas de Ciências, através das fissuras que surgem nos fluxos acelerados e ruidosos da contemporaneidade. Esses momentos agem como um "vírus" nos fluxos, interrompendo as formas de existência que privilegiam respostas rápidas e atalhos no pensamento. O que emerge é um silêncio motivado pelo interesse dos alunos, que abre espaço para a vagareza necessária ao pensamento e desacelera os ritmos frenéticos da vida moderna. O estudo se fundamenta nas teorias de Deleuze (1997), Foucault (2010) e Suely Rolnik (2008), e utiliza a cartografia como metodologia para orientar suas análises.

Palavras-chave: Silêncio; Vagareza; Contemporaneidade; Vírus.

[*] Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: maripanni@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2128912873694332. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7508-5286.

[**] Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: claudiaglavam@gmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/9441432616334471 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8608-5855.

The ethics of silence, vacancy and time to think in science classes

Abstract: This article is the result of a doctoral thesis project that seeks to understand the power of silence and slowness in a sixth-year elementary school class, during Science classes. Among the analyzes carried out, the combination of the ethics of silence and slowness in learning processes stands out. The article explores how these dynamics manifest themselves in Science classes, through the fissures that appear in the accelerated and noisy flows of contemporary times. These moments act like a "virus" in the flows, interrupting forms of existence that favor quick responses and shortcuts in thinking. What emerges is a silence motivated by the students' interest, which makes room for the slowness necessary for thought and slows down the frenetic rhythms of modern life. The study is based on the theories of Deleuze (1997), Foucault (2010) and Suely Rolnik (2008), and uses cartography as a methodology to guide its analyses.

Keywords: Silence; Slowness; Contemporaneity; Virus.

La ética del silencio, la vacancia y el tiempo para pensar en las clases de ciencias

Resumen: Este artículo es el resultado de un proyecto de tesis doctoral que busca comprender el poder del silencio y la lentitud en una clase de sexto año de primaria, durante las clases de Ciencias. Entre los análisis realizados destaca la combinación de la ética del silencio y la lentitud en los procesos de aprendizaje. El artículo explora cómo estas dinámicas se manifiestan en las clases de Ciencias, a través de las fisuras que aparecen en los flujos acelerados y ruidosos de la época contemporánea. Estos momentos actúan como un "virus" en los flujos, interrumpiendo formas de existencia que favorecen respuestas rápidas y atajos en el pensamiento. Lo que emerge es un silencio motivado por el interés de los estudiantes, que deja espacio a la lentitud necesaria para el pensamiento y frena los ritmos frenéticos de la vida moderna. El estudio se basa en las teorías de Deleuze (1997), Foucault (2010) y Suely Rolnik (2008), y utiliza la cartografía como metodología para guiar sus análisis.

Palabras clave: Silencio; Lentitud; Tiempo Contemporáneo; Virus.

Introdução

Este artigo está vinculado a um projeto de tese de doutorado em andamento, que emerge de nossa insatisfação com algumas condições atuais, especificamente com os modos acelerados de vida que impedem pausas e silenciamentos. O sintoma é de uma estranha sensação de incômodo que emerge de linhas que nos impulsionam ao movimento constante e à certa tagarelice. Somos constantemente interpelados a agir e a nos posicionar (como sujeitos pensantes e falantes), isso reverbera em certos automatismos de ação e pensamento. De modo concomitante, muitas vezes, ao reivindicarmos o silêncio e a vagareza, sentimo-nos culpados, pois parece existir aí um trágico desencaixe com as exigências contemporâneas. No entanto, acompanhando o pensamento de Deleuze (2008), começamos a prestar mais atenção a esse "sintoma" de descontentamento e buscamos não o eliminar tão rápidamente, pois passamos a entendê-lo como uma força que nos atravessava e que apontava para a deformação de nossas sensações, adquirindo, assim, certa potencialidade. Nessa perspectiva, deixamos essa força se expandir a ponto de torná-la nosso objeto de estudo apostando que: "[...] o quanto a vida pode fluir e afirmar-se em sua potência criadora, depende antes de mais nada da relação que se estabelece com o trágico, como se reage ao mal-estar a cada momento de nossa existência" (Rolnik, 1997, p. 5).

Trata-se, portanto, de uma reação que não é reativa no sentido destrutivo do termo, mas que busca compreender os mecanismos que nos impelem a determinados modos de experienciar a vida. A partir dessa compreensão, torna-se possível produzir fissuras nesses modos estabelecidos, abrindo espaço para afirmar a vida em sua potência criadora, de forma mais livre e criativa. Com essas premissas adentramos o campo educativo e inserimo-nos em uma turma de sexto ano de uma escola localizada no município de Xangri-Lá, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. O campo educativo foi escolhido porque entendemos que essa instituição está diretamente implicada na constituição de subjetividades, dando contornos à forma-sujeito. Além disso, detemo-nos a pensar a infância a partir da compreensão de Kohan e Fernandes (2020), que, a partir

dos estudos de Deleuze, definem-a como uma linha de fuga que carrega a possibilidade de traçar novos caminhos, abrir passagens e, dessa forma, desestabilizar sistemas rígidos. Assim, a infância não se reduz a uma etapa cronológica da vida, mas se configura como um modo de se relacionar com o mundo, aberto à invenção, ao devir e à força criativa que tensiona e, eventualmente, reconfigura o político e o social[1]. Nesse horizonte, não é a infância cronológica que importa reter, mas, sim, a infância como potência de "movimento e de transformação, em sua particular relação com a força política e criativa do molecular: uma linha de fuga perante o sistema e os universalismos de diversas espécies" (Kohan; Fernandes, 2020, p. 6).

Assim, nossa intencionalidade se abrigava na possibilidade de mapear algumas linhas que se tramavam e incitavam os automatismos das ações e pensamentos dados pela aceleração e pela necessidade de dar respostas rápidas, bem como perceber pontos de fuga que torciam tais linhas. Nessa caminhada, voltamo-nos para as aulas de ciências, nosso campo de estudo, que, de acordo com Stengers (2023, p. 137), revelam como "a simbiose da ciência rápida com a indústria vem privilegiando estratégias e conhecimentos desconectados e abstraídos das complicações bagunçadas deste mundo". Essa *bagunça*, à qual a autora se refere, entendemos como rupturas que se abrem nos processos de aceleração que a contemporaneidade introduz nas próprias estruturas da ciência.

Dessa forma, busca-se, nessa caminhada, explorar a viabilidade de construção de uma ética do silêncio[2] que promova a transição de um silêncio

[1] Sobre a potência do devir criança, Mittmann (2024) afirma que "a infância não seria apenas uma fase da vida, mas um verbo que se conjuga quando necessito voltar a minha forma semente, para nascer de outros modos. Ou ainda, quando experimento no desconhecido, a falta de uma língua para aquilo que me acontece. Quando não sei e preciso tatear, dar passos em falsos, sentir o inesperado, tropeçar e finalmente, aprender. Devir criança não me torna novamente criança, mas também isso" (Mittmann, 2024, p. 86-87). Reside aí a capacidade de "outramundar neste mundo" (Mittmann, 2024).

[2] Destaca-se, aqui, o afastamento do entendimento que a *Revista CULT* menciona ao publicar a matéria intitulada "A Ética do Silêncio na era Bolsonaro". Segundo a reportagem "A era Bolsonaro escancarou a mais perigosa face da ética do silêncio no Brasil. Temos uma história social e institucional em que a constatação de condutas que ferem a universalidade dos pactos são invisibilizadas por quem está em posição de denunciá-las. Tradicionalmente, essa

imposto e obrigatório para uma ética do silêncio que se desdobra em uma relação entre professor, alunos e a matéria estudada (Masschelein; Simons, 2014), que valoriza o saber ouvir, o observar e um pensar que se aprofunda em si mesmo, qualificando-se. Trata-se, portanto, de criar espaços para um desacelerar enquanto estudo e aprendizagem nas ciências, um movimento que, nas palavras de Stengers (2023, p. 101), constitui-se em nos tornarmos "novamente capazes de aprender, de encontrar e de reconhecer o que nos une e nos mantém unidos, de pensar, imaginar e, no mesmo processo, criar, junto a outros, vínculos que não sejam de captura".

Ademais, consideramos essa temática relevante, especialmente diante da observação de Paul Preciado (2019, p. 11), segundo a qual "a obscura era do pixel poderia ser até mesmo a última, caso não consigamos criar novas formas de equilíbrio entre os mundos do carbono e do silício". Com essa afirmação, o autor chama a atenção para os riscos de uma relação desequilibrada entre a vida humana, o "mundo do carbono" e as tecnologias digitais, o "mundo do silício". Sua reflexão sugere que, se não formos capazes de estabelecer novas formas de convivência entre esses dois mundos, poderemos enfrentar consequências profundas para a existência humana. Assim, no campo da educação, traçar linhas de fuga e fomentar o silêncio e a vagareza talvez colabore para que nosso mundo não se desfaça. Concordamos com Larrosa quando este afirma a necessidade de algumas suspenções. Segundo o autor, torna-se necessário, nestes tempos,

> [...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais

indulgência era costurada por refinadas estratégias de cooptação ou chantagem, mas a ação antiética carecia de blindagens contra exposições excessivas para que o sistema de faltas pudesse prosperar como que às escondidas" (Cult, 2021, s.p.). Nessa perspectiva, que considero antiética, evidencia-se a premissa do se calar diante do que o outro faz para que o outro se cale diante do que faço. Algo semelhante ocorre no contexto racial, em que a lógica que sustenta o se calar se refere a um silenciamento diante das discriminações étnico-raciais. "Até meados do século XX, a maioria dos brasileiros e dos observadores estrangeiros – incluindo muitos afro-americanos – entendia tal silêncio como um ideal, e não uma omissão. Era, nesse sentido, um elemento essencial na construção ideológica da deslegitimada 'democracia racial' brasileira" (Fischer, 2020, p. 4).

> devagar,demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2004, p. 161).

Apostamos que aprender a lentidão, demorando-se mais nos instantes e suspendendo os automatismos, possa ser pertinente no enfrentamento de certas condições contemporâneas que bloqueiam fluxos mais "suaves" e lentos que impedem o próprio ato de pensar, pois pensar é escapar das armadilhas da representação. Pensar não é simplesmente reconhecer. Para Deleuze (1976, p. 51), esse ato não é "um exercício natural de uma faculdade, mas um acontecimento extraordinário no próprio pensamento, para o próprio pensamento". É como uma torção, uma força em que "é preciso que uma violência se exerça sobre ele enquanto pensamento, é preciso que o poder *force-o a pensar*, lançando-o num devir ativo" (Deleuze, 1976, p. 51, grifos do autor).

No entanto, a razão clássica nos fez acreditar que o pensamento ocorre de maneira natural, realizado por uma boa vontade daquele que pensa. Isso implica viver, muitas vezes, sob os automatismos gerados pela maquinaria político-social que fabrica e molda um certo modo de vivenciar o mundo. Esses automatismos e os processos de subjetivação que os acompanham são produzidos, modelados, recebidos e consumidos coletivamente (Guattari; Rolnik, 1996). Tal modo alvoroçado de experienciar o mundo produz uma pressão para que o pensamento maquínico reproduza, de forma automática, as mesmas maneiras de agir, pensar e seguir sempre os mesmos caminhos. Contudo, nesse movimento, podem surgir oscilações que criam linhas de resistência e rupturas na economia subjetiva capitalista[3]. Em outras palavras, "é preciso 'gagueira'

[3] De acordo com Guattari e Rolnik (1996, p. 27), "a subjetivação capitalística é tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam [...]. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social, e as instancias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo".

nas ideias" (Deleuze, 1992, p. 53), para fazer calar as respostas imediatas e, com isso, habitar a "própria língua como um estrangeiro, traçar para a linguagem uma espécie de linha de fuga" (Deleuze, 1992, p. 56).

É por uma gagueira nas ideias que este artigo é escrito. Para isso, faz-se necessário conhecer o sistema e mapear algumas forças que obstruem o funcionamento da maquinaria capitalista. *Hackeá*-lo, injetando alguns vírus, talvez se constitua em uma possibilidade de abrir brechas e fissuras para fazer germinar o silêncio e a vagareza. A intenção é perceber as interrupções, mesmo que momentâneas, que nos levam a enfrentar "essa sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica" (Harvey, 2008, p. 21).

Neste artigo, discutiremos alguns dos resultados obtidos durante nossa experiência em campo. Utilizando a cartografia, mapeamos alguns processos que ocorreram durante nossa inserção em sala de aula, com o objetivo de compreender o movimento das linhas de força que atuavam nesse espaço. Principalmente as linhas que atravessavam o fluxo da aceleração, movimentos e barulhos. Nosso olhar se deteve nos momentos em que se abriram brechas nesses fluxos, em que a maquinaria foi trancada, *hackeada*, mesmo que momentaneamente, pelas linhas do silêncio e da vagareza, impulsionados pelo interesse e pela vontade dos alunos nas aulas de Ciências. Antes, uma compreensão sobre o que se diz e se pensa sobre o silêncio e a vagareza.

Silêncio, vagareza...

Erlig Kagge[4] (2009), no seu livro intitulado *Silêncio na Era do Ruído*, apresenta, em um contexto narrativo, seus questionamentos sobre conviver com o ruído e o alvoroço que nossa vida ativa produz

[4] Erlig Kagge nasceu no ano de 1963 em Oslo, Noruega. "É explorador, escritor, editor e pai de três meninas adolescentes. Foi a primeira pessoa a caminhar sozinha no polo sul e também a chegar aos 'três polos' – norte, sul e o cume do Everest. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas". Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/05664/erling-kagge. Acesso em: 3 dez. 2023.

cotidianamente. A obra, com estilo autobiográfico e nuances filosóficas, narra algumas aventuras do autor em sua busca pelo silêncio e lança questões que nos fazem pensar: "O que é o silêncio? Onde está? Por que hoje o silêncio é mais importante do que em qualquer outra época?" (Kagge, 2009, p. 8)[5]. Na obra, constam 33 tentativas de respostas que se alicerçavam em divagações, experiências e conhecimentos que apontavam para diferentes perspectivas de respostas. Percebemos, com nossas leituras e estudos, que essas diferentes interpretações e sentidos que o silêncio disponibiliza constituem-se em modos de entendê-lo e poder experimentá-lo na contemporaneidade. Assim, a leitura dessa obra nos fez, de início, compreender que o silêncio é um termo polissêmico que habita diferentes gramáticas. Algumas podem abrigar:

> O silêncio da fé religiosa dos monges, da renúncia de Rimbaud à poesia e da loucura de Hölderlin, o silêncio de Heidegger sobre o nazismo, o silêncio dos amantes que se olham, o silêncio da torcida de futebol diante do gol do time adversário, o silêncio das leituras e das bibliotecas, o silêncio prazeroso do orgasmo e o doloroso do trauma, o silêncio de soldados que voltam das guerras, dos prisioneiros dos campos de concentração, o silêncio imaginado do espaço sideral, o silêncio lacônico do tirano, o silêncio brutal da violência, o silêncio hipócrita em nome do bem-estar social, o silêncio surpreso, o silêncio do pensamento... (Duarte, 2014, p. 133).

A curiosidade e a tentativa de fixar o conceito de silêncio perpassa diferentes períodos históricos, pois "desde cedo o silêncio desperta, na civilização ocidental, um misto de fascinação e medo, sedução e angustia" (Duarte, 2014, p. 133). Concluímos, assim, que o silêncio pode se apresentar como condicionante para momentos de paz e tranquilidade, quando o

[5] As questões emergiram a partir da narrativa de uma palestra ocorrida na universidade de St. Andrews, na Escócia, na qual o autor era o palestrante e o tema abordado era sobre o silêncio. Ao término da conferência, ele foi ao um *pub* com alguns alunos, para um momento de descontração e lá, em um determinado momento, lança tais questões em uma conversa descontraída.

burburinho, o falatório do dia a dia, o barulho das cidades, carros, fábricas apresentam uma pausa, mas, também, instigam sensações de medo, de vazio, de solidão, pois "um mundo todo em silêncio não teria espaço para a vida do homem" (Duarte, 2014, p. 133).

Ao recorrermos a Bocchetti (2022), entendemos que o silêncio pode ser pensado em seus movimentos políticos, que, à maneira de Gilles Deleuze, produzem-se como uma experimentação que está sempre em curso e que é capaz de fazer com que as forças que nos constituem sejam produtoras de sensações, afetações, entre outros. Com isso, Bocchetti (2022) apresenta, em seus estudos, as relações que a língua latina estabelece com o silêncio, destacando duas terminologias que remetem ao ato de silenciar, dessa forma, "*taceo* e *sileo* são pensados, aqui, junto com os processos de produção de corporeidade que lhes instauram ou são por eles instaurados" (Bocchetti, 2022, p. 3). De um lado, encontra-se o *taceo*, entendido como silêncio derivado do ato de calar-se, da fala compelida a cessar, aproximando-se do que podemos denominar silenciamento, um efeito de poder que restringe a expressão e delimita os limites do dizível. De outro, o *sileo*, que remete a uma ausência de linguagem e a uma tranquilidade exterior, mas não desvinculada dos processos de significação (Bocchetti, 2022). Nesse último caso, o silêncio não se caracteriza como vazio ou mero intervalo, mas como uma suspensão produtiva, capaz de abrir espaço para a emergência de novos sentidos que podem favorecer a manifestação de momentos de criação.

De forma similar, na época clássica, é possível identificar que, muitas vezes, o silêncio estava relacionado, de forma direta, com o estado de tranquilidade, e a função de tal estado daria condições "para falar de coisas, ou pessoas, e especialmente da noite, dos ventos e do mar" (Orlandi, 2007, p. 33). Também no decorrer da história, táticas de obtenção do silêncio foram adotadas para que assim se obtivesse momentos silenciosos. Estas foram pensadas para lidar com o outro e, também, para beneficiar a si próprio. As táticas objetivavam silenciar-se para refletir, colocar os pensamentos em ordem, utilizando, dessa forma, a tática de recolhimento, de aquietar-se para que os pensamentos se organizassem e os ruídos de fora não adentrassem o espaço preparado para a reflexão. A caminhada com a

contemplação da natureza também se instituía como uma tática de silêncio, momento em que os ruídos do cotidiano cessam e em que o silêncio é "recuperado, inicialmente como transparência. Tudo está calmo, alerta, tudo descansa. Acabou-se o cacarejo do mundo, suas conversas de corredor, seus rumores" (Gros, 2021, p. 62).

Na Antiguidade o silêncio tinha um papel preponderante na constituição dos sujeitos na sociedade. Não só o sentido puro do silêncio, mas também o silêncio para ouvir e para aprender. Foucault (2010) sinaliza essas relações no seu livro *A Hermenêutica do Sujeito*, em que, através dos estudos das cartas de filósofos como Plutarco, Marco Aurélio, Epicuro, Platão, entre outros, aborda as práticas de silenciamento dessa época. Essas escrituras orientavam como esses exercícios deveriam proceder a partir de determinadas técnicas. Tais exercícios objetivavam "constituir para si mesmo um equipamento, equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida" (Foucault, 2010, p. 296). Tratava-se, então, de um equipar-se para a vida em sociedade que se dava pelas aprendizagens de comportamento diante de certos acontecimentos e de sabedoria para a possibilidade de tornar-se um membro participativo dentro dos padrões civilizatórios da época. Nesse sentido, Foucault (2010, p. 297) discute sobre os modos de descobrir a si mesmo em um movimento cuja intensidade "essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si". Ou seja, seria um silenciar-se para aguçar a audição para a apreensão do discurso verdadeiro. Dessa forma o autor, discorre sobre as formas de exercício que levariam os sujeitos a terem uma ascese[6] voltada à subjetivação do discurso verdadeiro.

---

[6] "ASCESE (gr. acucncnç: in. Ascesis-, fr. Ascèse, ai. Askese, it. Ascest). Essa palavra significa propriamente exercício e, na origem, indicou o treinamento dos atletas e as suas regras de vida. Com os pitagóricos, os cínicos e os estóicos, essa palavra começou a ser aplicada à vida moral na medida em que a realização da virtude implica limitação dos desejos e renúncia. O sentido de renúncia e de mortificação tornou-se, daí, predominante; na Idade Média, A. significou mortificação da carne e purgação dos vínculos com o corpo. A revolta contra o ideal ascético iniciou-se no Renascimento, com a revalorização dos aspectos corpóreos e sensíveis do homem. Kant considera a moral ascética como 'exercício firme,

> O primeiro momento, a primeira etapa e, ao mesmo tempo também, o suporte permanente dessa ascese como subjetivação do discurso verdadeiro serão todas as técnicas e todas as práticas que concernem à escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar. *Escutar, saber escutar como se deve*; ler e escrever como se deve; e também falar, é isso que, enquanto técnica do discurso verdadeiro, será o suporte permanente e o acompanhamento ininterrupto da prática ascética. (Foucault, 2010, p. 297, grifos nossos).

O calar-se e a escuta como técnicas implicadas em modos de subjetivação. Tais técnicas propiciariam ações que se desenvolveriam a partir de um pensar com mais vagareza. Buscando apoio nos estudos de Foucault (2010), entendemos que o filósofo, ao analisar o período helenístico e romano, destaca que a filosofia de ascese estava ancorada em princípios, tais como a escuta. Por meio da escuta que o sujeito seria subjetivado ao discurso verdadeiro. Assim, naquele tempo, instituiu-se "através de exercícios e práticas assíduas e ininterruptas dos sujeitos, o ato do ouvir, que possibilitaria atingir o discurso verdadeiro, pois o escutar 'é o que permitirá recolher o *logos*, recolher o que se diz de verdadeiro'" (Foucault, 2010, p. 297).

Para alicerçar seus argumentos, Foucault (2010) recorre às cartas de Plutarco, pois, tais escrituras, apontam para a audição como o sentido mais passivo que temos e que, por isso, poderia ser o caminho mais fácil para que a verdade fosse aprendida. Foucault (2010) amplia a discussão ao apontar que Sêneca afirmava que essa passividade poderia ser vantajosa, mas também prejudicial se não estivesse aliada à atenção. Sêneca acreditava que a verdadeira audição envolvia não apenas o ato físico de ouvir, mas, também, a compressão e a absorção do significado das palavras. Ademais,

corajoso e destemido da virtude' e a contrapõe à A. monástica, 'que, por temor supersticioso ou por horror hipócrita a si mesma, costuma mortificar e desprezar o próprio corpo', castigando-se, em vez de arrepender-se moralmente, isto é, de tomar a resolução de corrigir-se (Met. der Sitten, II, § 53). Schopenhauer deu significado metafísico à A., na qual viu 'o horror do homem pelo ser, cuja expressão é seu próprio fenômeno, pela vontade de viver, pelo cerne e essência de um mundo que se reconhece cheio de dor' (Die Welt, I, §68), e por isso o único instrumento de liberação de que o homem dispõe" (Abbagnano, 2007, p. 83).

sobre o silenciar-se para ouvir, Foucault (2010) evidencia, nos seus estudos, as cartas de Epicteto, que falam sobre o ouvir com sentido, pois seria necessário "escutar o *lógos* e receber a *paradosis*, que é o ensino, a palavra transmitida" (Foucault, 2010, p. 301). Epicteto defendia esse silenciar no sentido de necessidade de escutar, pois o escutar se refere ao ouvir com atenção e dar sentido ao que é dito. Essa abordagem se relacionaria com a maneira como as palavras são organizadas para transmitir os ensinamentos. Pois, para que as verdades encontrem a alma do ouvinte, é necessário que "também sejam pronunciadas. E não se pode pronunciá-las sem certos elementos que estão ligados à própria palavra e a sua organização em discurso" (Foucault, 2010, p. 301). Por isso, para escutar, seria necessária a constituição de uma prática assídua que possibilitasse a atenção necessária, para interpretar e recolher a verdade sendo ensinada. Com essas premissas, Foucault (2010), de acordo com os escritos de tais autores, questiona a forma de proceder em relação aos elementos nocivos, para não prejudicar a audição passiva. O filósofo nos traz, junto com esse questionamento, as formas de ascese que eram utilizadas na era helenística e romana como uma "prática refletida, nessa prática aplicada da escuta, de purificar a escuta lógica" (Foucault, 2010, p. 303). É uma prática de si[7] desenvolvida pelo ato de silenciar-se, pois "a primeira regra [...] na ascese da escuta, e a fim de melhor separar o lado *pathetikós* e perigoso da escuta de seu lado *lógicos* e positivo: [é] o silêncio" (Foucault, 2010, p. 305). Nessa perspectiva, Foucault aponta que o silêncio era considerado primordial para que as pessoas pudessem usar a concentração para separar e entender o que é importante aprender do que é desnecessário e inútil para sua constituição como sujeito.

Apostamos que a vagareza se alia em vários pontos ao silêncio nessa trajetória, pois a potência da vagarosidade, assim como a suavidade, são forças

[7] De acordo com Foucault (2010, p. 489), a prática de si desempenhou um papel de "elaborar uma 'arte de viver', uma prática de existência, a partir de uma única relação de que se é mestre, a relação consigo. Esta se torna fundamento de um *êthos* que não constitui a outra opção relativamente à atividade política e cívica; ela oferece, ao contrário, a possibilidade de definir-se a si mesmo independente da função, papel e prerrogativas, e por isso mesmo poder exercê-los de maneira adequada e racional".

> [...] de transformação secreta que concede vida, ligada àquilo que os antigos chamavam justamente de potência. Sem ela[s], não há possibilidade de que a vida vá crescendo no seu devir. Acredito que a potência de metamorfose da própria vida se apoia na suavidade [e na vagareza] (Dufourmantelle, 2022, p. 14).

Para essa metamorfose de que fala a autora, acreditamos ser necessário "pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes" (Larrosa, 2004, p. 61). Tal condição talvez nos permitisse momentos que possibilitariam o desencadear de processos criativos.

Interessante pensar o paradoxo que vivenciamos. Temos urgência e necessitamos de rapidez para a minimização da rapidez, para a existência de um tempo para VA-GAR... para sentir os devires que abrem a potência de pensamento e criação. VA-GAR... *mais... DE* - VA -GAR, que emerge como potência de vida e criação[8]. Assim, "nós não precisamos de mais tempo, precisamos de um tempo que seja nosso" (Couto, 2017, s.p.). Não se trata de uma "questão de quantidade, é de soberania, em que temos que encontrar a intimidade com as coisas que nos são próximas" (Couto, 2017, s.p.).

Caminhos percorridos...

Este estudo optou por seguir os caminhos metodológicos da cartografia. Nessa perspectiva, o território de pesquisa é compreendido

[8] Como exemplo dessa necessidade temos o texto de Jorge Eiró (2016), que precisou levar "Dona Educação para comprar um cigarro", para que o processo criativo de escrita de sua tese que fora acometida pela falta de inspiração voltasse a ocorrer, diríamos ser necessária a construção de uma outra maneira de nos relacionarmos com o tempo, para além da escrita de uma tese. Eiró (2016, p. 12) afirma que esse tempo só foi permitido porque ocorria "um enguiço na maquinaria da escrita. As palavras empedra[vam], a fala não flui[a] e o texto trava[va]". Poderíamos dizer que o surgimento de uma limitação desencadeou a exigência de uma outra relação com o tempo, pois talvez o tempo necessário para a criação, para o pensar demorando-se nas palavras, estivesse sendo extinguido fazendo com que "o devir da escrita padece[sse] e não consegui[sse] pegar no tranco, muito menos ganhar potência" (Eiró, 2016, p. 12).

como um espaço de passagem, de vivências, de composição de elementos heterogêneos, que são acionados pelos afetos e dão condições para a produção dos dados. O agenciamento, nesse contexto, é uma relação de "cofuncionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é apenas um sentimento de apreço, mas uma composição de corpos que envolve uma afecção mútua" (Barros; Kastrup, 2015, p. 57). Assim, para habitar um território, o cartógrafo se posiciona como um aprendiz, cujo aprendizado não segue etapas planejadas, mas é um trabalho contínuo de conhecimento e de aperfeiçoamento (Passos; Alvarez, 2015). Nessa dinâmica, a pesquisa cartográfica se desenvolve por meio de processos que são entendidos como processualidades. Pois, se

> [...] entendemos o processo como processualidade, estamos no coração da cartografia. Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual (Barros; Kastrup, 2015, p. 58-59).

A processualidade permeia todos os aspectos da pesquisa, incluindo a produção dos dados, sua escrita e análise. A escrita é entrelaçada com a experiência, as sensações e os afetos, descrevendo os acontecimentos de maneira performática. Dessa forma, a escolha foi feita por considerar que a cartografia busca analisar os fluxos e os processos em que forças condicionam a forma como experimentamos o mundo. Trata-se de construir um percurso que se desenha ao longo da própria trajetória de estudos e visitas ao campo, ou seja, que vai se delineando nas análises do pesquisador e nas afecções geradas pelo ato de habitar o território da pesquisa, preparando-se para acolher o inesperado. Assim, buscamos a constituição de uma "atenção que se desdobra na qualidade do encontro, do acolhimento" (Kastrup, 2015, p. 39). O conhecimento que surge desse processo é fruto do

prazer de se construir durante essa jornada, permitindo conhecer e vislumbrar novas possibilidades para a existência de outros mundos.

Para seguir esses caminhos na produção dos dados, foi solicitada a colaboração de um professor de Ciências e de uma de suas turmas, especificamente uma turma de sexto ano[9]. Esse profissional leciona na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Prestes, localizada no município de Xangri-Lá, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. A turma de sexto ano foi selecionada porque, em seu currículo, são trabalhados conteúdos relacionados à água, ao ar e ao solo, o que possibilita diversas observações da natureza. Assim, consideramos que seria uma turma adequada, com um currículo que corresponderia às nossas análises. Como instrumentos para a produção dos dados, foram feitas observações em algumas aulas de Ciências da turma de sexto ano. Foram 12 meses de observações, o que totalizaram cerca de 82 períodos de aulas, em sua maioria, expositivas dialogadas. No entanto, também tivemos a oportunidade de presenciar aulas práticas. Dessas aulas, 14 períodos foram de atividades práticas desenvolvidas pela professora. Esses instrumentos e práticas tiveram como objetivo registrar o desafio proposto por esta investigação: mapear as tramas que permitem ou tensionam as linhas de força, que podem tanto afastar quanto possibilitar o silêncio e a vagareza nas aulas de Ciências. Com esses procedimentos em destaque, construímos um mapa que permitiu nos movermos pelas linhas de força que traçam as subjetividades, produzidas "a partir dos diferentes ritmos, interesses, percepções e materialidades presentes. O cartógrafo se constitui por um regime de afetabilidade; ele toca e é tocado" (Pozzana, 2016, p. 59). Nesse sentido, apresentamos algumas linhas que se fizeram visíveis para nós.

[9] Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, estando registrado sob o número: 58371322.8.0000.5347, e realizado em conformidade com as normas para pesquisas envolvendo seres humanos.

Hackeando os fluxos acelerados e ruidosos da contemporaneidade

Hackear a máquina, encontrar, nos fluxos da maquinaria capitalista, fissuras, brechas para que seja possível entrar no sistema e colocar alguns vírus que possam fazer germinar momentos de silêncio e de vagareza nas aulas de ciências. O *hacker*[10] fica na espreita, tem paciência, observa e espera o momento certo para mexer, embaralhar, trancar o sistema, desviar seus fluxos. Isso porque o *hacker* tem a capacidade e o conhecimento de inventar soluções criativas e eficientes para resolver um problema, ou inventar ou reformular novos programas técnicos complexos (Caetano, 2024). Assim como os *hackers* se infiltram nos sistemas para buscar informações, mexer e embaralhar os códigos em busca dos seus objetivos, pretendemos utilizar maneiras de nos infiltrar, para observar a máquina em seus fluxos, identificando desencaixes por onde novos fluxos tentam se estabelecer. Algo como colocar alguns vírus para que as engrenagens da maquinaria sejam visíveis e, assim, detectar onde há FALHAS NO SISTEMA. Assim, olhando para as miudezas que lhes escapam, talvez possam erigir modos de silêncio e de vagareza.

O livro *A Arte de Invadir*, de Kevin D. Mitnik e Willian L. Simon (2005), evidencia as grandes habilidades dos *hackers*. Destacam-se sagacidade, dedicação, paciência, insistência e previsibilidade de como ocorre a projeção, a sistemática dos sistemas e como os seus usuários as utilizam. Assim, o *hacker* também desenvolve um potencial que "deve-se à análise de como as pessoas pensam, de como instalam sistemas, os processos usados por administradores de sistemas e de redes para fazer arquitetura de rede" (Mitnik; Simon, 2005, p. 92). Desse modo, conhecer a maquinaria é fundamental para o *hacker*. Ademais, sua eficácia se dá pela

[10] O sentido da palavra *hacker* tem início na década 1960, nos Estados Unidos, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). A cultura dos *hackers* é pensada para resolver problemas técnicos e encontrar soluções criativas para desafios de engenharia e programação de computadores. Ou seja, os *hackers* são profissionais com um conhecimento profundo e complexo de informática e computação, que trabalham desenvolvendo e modificando *softwares* e *hardwares* de computadores. Eles chamavam essas soluções criativas de "*hacks*" e se referem a si mesmos como "*hackers*" (Caetano, 2004).

fascinação de estar conectado às redes e navegar constantemente nesse mundo virtual, de um modo invisível e imperceptível.

Inferimos que exista uma intimidade entre o *hacker* e o sistema, pois ele consegue sentir, prever os caminhos para entrar na rede que invade. Assim, o nosso olhar durante a pesquisa foi movido pelo pouso e reconhecimento para sentir, como um *hacker*, os caminhos que fissuram os fluxos da aceleração, os ruídos e os burburinhos nas aulas de ciências.

A língua gagueja, a curiosidade emerge – interrupção do fluxo

A sala de aula de um sexto ano é povoada por ruídos, falatórios, arrastar de cadeiras, brincadeiras e, por vezes, por silenciamentos e certa vagareza nas atividades, geralmente impostos pela professora. No entanto, algo diferente ocorreu. Observamos um momento em que a maquinaria dos automatismos parou, enguiçou e a língua gaguejou. Durante a aula, a voz firme e alta da professora imperava na sala, explicando as diferenças entre materiais naturais e sintéticos. Risos e conversas paralelas tentavam, a todo o tempo, desbancar a unicidade da voz docente. Vez que outra aparece o comando, e a voz docente aumenta de intensidade: "*Silêncio, pessoal, e prestem atenção!*". Posteriormente às explicações da professora, deu-se início as discussões. Agora era permitido e necessário falar (sobre a temática exposta). Durante esse momento, várias questões-exemplos e pensamentos iam surgindo. Para cada um deles, havia resposta imediata da professora ou dos próprios estudantes. Fluxos de palavras, de intensidades de voz, de corpos agitados tentando elaborar as melhores questões ou para simplesmente se deixarem ouvir invadiam a sala.

No entanto, algo ocorreu que tensionou e dobrou o fluxo que levava à rapidez do pensamento e da agitação dos corpos. Foram aproximadamente 4 ou 5 segundos de interrupção do fluxo. A língua gaguejou, o pensamento não conseguiu chegar à língua para a fazer falar. O corpo parou. O que ocorreu ali? Algo não pensado adentrou o recinto quando um estudante perguntou de qual matéria-prima eram fabricadas as garrafas PETs. A

professora, segura de si, respondeu imediatamente para o aluno: "*Ela é feita de um polímero termoplástico derivado do petróleo*!" o estudante torna a perguntar: *"Mas, professora, se a garrafa PET é feita do petróleo, então por que ela é transparente e não preta como o petróleo?*" *GAP* NO SISTEMA! Silêncio, imobilidade. O corpo parecia indicar que não havia resposta: sobrancelhas para cima! Os alunos estavam pensativos. O corpo da professora imobilizou, mas, passados os segundos de estancamento dos fluxos, ela deu um sorriso de leve e respondeu para o aluno: "*Vamos pesquisar os processos que o petróleo passa para chegar na composição de garrafas PETs, é um ótimo tema para o grupo dos materiais sintéticos*". As forças que permeiam esse momento estão "correlatas à força fundadora do *sileo*, a sua potência disruptiva e inovadora" (Bocchetti, 2022, p. 18).

Abriu-se uma brecha nos fluxos, o vírus da incerteza fora instalado e a maquinaria que exige a resposta automática fora trancada. Esses foram pequenos momentos em que a gagueira com o trancar das palavras impediram a maquinaria acelerada de funcionar. Havia ali a solicitação de uma passagem para que o silêncio e a vagareza se instalassem. Naquele momento, emergiu uma senha de acesso para o silêncio e a vagareza.

A língua se encontrou tão tensionada que se iniciou um processo de hesitação, de um sussurrar ou balbuciar, "a linguagem inteira atinge o limite que desenha o seu fora e se confronta com o silêncio. Quando a língua está assim tensionada, a linguagem sofre uma pressão que a devolve ao silêncio" (Deleuze, 1997, p. 126). O gaguejar da língua interpela o pensamento que, por sua vez, necessita de um silêncio e de uma lentidão que abrace esse momento tão potente e singular. Segundo Deleuze (1997, p. 126): a "gagueira criadora é o que faz a língua crescer pelo meio, como a grama, o que faz da língua um rizoma em vez de uma árvore, o que coloca a língua em perpétuo desequilíbrio: Mal vista mal dito (conteúdo e expressão)". Assim, ainda não há palavras, e as palavras que virão a ser pronunciadas estão, ainda, rodeadas pelo silêncio. Este poderá expandir o pensamento antes de pronunciá-las.

De acordo com Deleuze (2003), o pensamento não é espontâneo, somos compelidos a pensar quando nos deparamos com uma situação que nos desestabiliza e que desafia alguma circunstância vivida, sentida. É nessas

condições que a gagueira pode emergir e tensionar o que está sendo pensado. Pois, segundo o filósofo, "sem algo que force a pensar, sem algo que violente o pensamento, este nada significa. Mais importante do que o pensamento é o que 'dá que pensar'" (Deleuze, 2003, p. 89). Dessa forma, tais circunstâncias fazem uma torção no pensamento, que ocorre através de encontros com os signos. Deleuze (2003, p. 91) ainda pontua que "pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo". Compreendemos que, para nos tornarmos sensíveis aos signos, há necessidade de prestar atenção neles, e esse movimento, para nós, exige silêncio e certa vagareza.

No entanto, a maquinaria volta ao seu funcionamento. A conversa se generaliza e a professora chama a atenção. A professora não percebe, naquele momento, a potência do acontecimento; sorri e dá andamento às perguntas, pedindo que os alunos deem exemplos de materiais naturais e também os que têm processos humanos na elaboração da sua composição.

Nesse entremeio, no qual o silêncio se tornou um espaço fértil para o pensamento, outro momento observado no espaço escolar possibilitou a emergência de uma pausa, de um tempo outro, marcado por vagareza. Esse momento ocorreu durante um experimento sobre o ciclo da água, especificamente a evaporação. Nesse contexto, a professora havia preparado uma garrafa PET cortada ao meio, contendo água, que foi coberta com um plástico transparente e colocada ao sol, com o intuito de auxiliar os estudantes na compreensão do processo de evaporação. Durante a atividade, chamou-nos a atenção uma aluna que se encontrava intensamente concentrada na observação do experimento. Sua postura atenta sugeria que, talvez, ela estivesse a contar as pequenas gotículas de água que se acumulavam no plástico. Em determinado momento, a estudante desviou o olhar para o céu, retornou o olhar às gotículas e, então, questionou: "*Se não tivesse esse plástico, essas gotas estariam naquela nuvem?*" A professora e alguns colegas responderam afirmativamente, explicando que sim, as gotas poderiam estar em qualquer nuvem presente no céu. Vinci (2018) nos convoca a pensar que os encontros com os signos não devem ser reduzidos a explicações fechadas ou a modelos prévios, mas vividos como ocasiões em que algo novo pode surgir. Acreditamos que o silêncio e a abertura para a heterogeneidade

funcionam como condições para que esses signos possam produzir problemas que façam germinar pensamentos criativos, em vez de apenas reconduzir o pensamento ao já sabido. Assim percebemos que ocorre,

> [...] de um lado, portanto, uma pedagogia silenciadora, que investe no jogo entre crenças legitimadas e esvaziamento da vontade – mantendo a ambas como marcadoras de uma individualidade desejável ou não diante das relações com o outro. De outro, um silêncio como ato pedagógico, marcado pela relação de escuta com o mundo e de retomada da vontade que deriva dos encontros com ele (Bocchetti, 2022, p. 20).

E é nesse silêncio pedagógico, junto com a vagareza, que se pode revelar e potencializar a curiosidade, transformando-a em uma força criativa capaz de abrir caminhos para novas descobertas e significações. A curiosidade, ao ser atravessada pelo silêncio e pela suspensão da pressa, pode deixar de ser mera etapa do aprendizado e tornar-se força inventiva, capaz de instaurar problemas novos e, com eles, novas possibilidades de pensar.

Considerações finais

A partir dessas análises, buscamos refletir sobre os sinais, as formas que os fluxos da maquinaria que provocam a aceleração e os barulhos nas aulas de Ciências, foram trancados pela emergência da atenção, do silêncio e da vagareza. Foram momentos de rarefação compostos por "vacúolos de silencio para que se pudesse, afinal ter algo a dizer" (Pelbart, 2016, p. 50).

Apresentamos, assim, algumas forças dos fluxos acelerados e ruidosos, que foram *hackeados* e que, através desse corte, da introdução de alguns vírus, possibilitaram de certa forma, ao longo da pesquisa, percebermos momentos de silêncio e de vagareza nos processos de sala de aula.

Assim, percebemos intensidades que emergiram, criando caminhos que fogem à imposição. Em determinados momentos, os olhares dos alunos permanecem fixos no conteúdo apresentado, a comunicação se interrompe,

os corpos ficam estáticos e um silêncio natural se manifesta. Nesses instantes, algumas crianças se acomodam tranquilamente em suas carteiras, envolvidas por uma calma e uma vagareza que direciona suas percepções apenas ao que veem e ouvem. Não seria essa vagareza um desacelerar necessário para realmente captar o que está acontecendo? Também não seria o surgimento de uma ética do silêncio, fruto do interesse autêntico dos alunos? Principalmente quando algum questionamento faz parar a língua, parar o tempo? Não seria também fruto de um gaguejar que nos fala Deleuze (1997), quando diz que o gaguejar promove um silêncio que ultrapassa a estrutura rígida da linguagem dominante, criando novas formas de expressão? Ou o poder da palavra, das paixões, do abrir-se para experiência, que nos fala Larrosa (2002)?

Dessa forma, notamos intensidades que surgiram, abrindo caminhos para a potencialidade do silêncio e a vagareza. Em certos momentos, os olhares dos alunos permanecem fixos no que é apresentado, a comunicação cessa, os corpos ficam imóveis, e um silêncio espontâneo emerge. Nesses instantes, algumas crianças relaxam em suas carteiras, envoltas por uma tranquilidade, uma vagareza que direciona suas percepções exclusivamente ao que veem e ouvem. É o silêncio que proporciona, mesmo que momentaneamente, o situar-se fora do universo sonoro, do fluxo tagarela que gera certo barulho pela quantidade de informações que circulam com grande intensidade. Um silêncio, que propicia o ouvir a si e ao outro de uma forma mais calma e serena, com suavidade!! Não seria essa vagareza um desacelerar necessário para sentir o que acontece?

Além disso, notamos que o silêncio acompanha alguns alunos quando eles param para refletir e realizar suas atividades. Seus olhares se dispersam por pontos aparentemente insignificantes, como se criassem vácuos para o pensamento se estabelecer. Eles parecem alheios ao tempo e à aceleração imposta pela professora, mantendo um ritmo próprio em sintonia com as tarefas, sem pressa, profundamente imersos no processo. Não seria o silêncio operando com a vagareza, em que os dois juntos poderiam propiciar o tempo necessário para se recalcular a rota ou, quem sabe, abandoná-la a fim de que outras paisagens, sons, cheiros, sabores possam emergir com potência? Não

seria uma abertura nos modos contemporâneos de vida que, mesmo no contexto da sala de aula, cria espaço para uma nova maneira de estar presente? São questões que, sem dúvida, levam-nos à reflexão.

Concordamos com Frederic Gros (2021, p. 42), quando diz que caminhar devagar nos "faz viver mais tempo, pois deixamos que cada hora, cada minuto e cada segundo respirem e se aprofundem, em vez de preenchê-los forçando as articulações". A pressa, por outro lado, faz com que o tempo pareça abarrotado, "como uma gaveta cheia de milhões de coisas jogadas sem ordem" (Gros, 2021, p. 42).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 52-75.

BOCCHETTI, André. Corpos, silêncios e disciplinas: sobre modos de confinamento e suas educações possíveis. *Revista Pro.posições*, Campinas, v. 33, p. 1-24, 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0114.

CAETANO, Érica. "O que é hacker?". *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/informatica/o-que-e-hacker.htm. Acesso em: 29 jul. 2024.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Erling Kagge*. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/05664/erling-kagge. Acesso em: 3 dez. 2023.

COUTO, Mia. Não precisamos de mais tempo, precisamos de um tempo que seja nosso, *Portal Geledés*, 2017. Acesso em: https://www.geledes.org.br/nao-precisamos-de-mais-tempo-precisamos-de-um-tempo-que-seja-nosso-por-mia-couto. Acesso em: 25 set. 2022.

DELEUZE, Gilles. *Conversações. 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DUARTE, Pedro. O silêncio que resta. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações o Silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: SESC São Paulo, 2014.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Potências da Suavidade*. Trad. Hortencia Lancastre. São Paulo: n-1 edições, 2022.

EIRÓ, Jorge. Narrativas errantes de uma noite de verão quando D. Educação saiu para comprar cigarro. *Experimentart*, Belém, n. 3, p. 11-21, 2016. DOI: https://doi.org/10.18542/experimentart.v0i3.4600.

FISCHER, Brodwyn Michelle. A ética do silêncio racial no contexto urbano: políticas públicas e desigualdade social no Recife, 1900-1940. *Anais do museu paulista*, São Paulo, v. 28, p. 1-45, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d1e15. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/LxQRQyCSGgMdzhsk9wwMwSt/?lang=pt. Acesso em: 15 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981, 1982). Trad. Marcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GROS, Frédéric. *Caminhar uma filosofia*. Trad. Célia Euvaldo. Imagens de Ana Maria Maiolino. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: Cartografia dos desejos. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*: Uma Pesquisa sobre a Origem da Mudança Cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KAGGE, Erling. *Silêncio na Era do Ruído*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2009.

KASTRUP, Virginia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. *In*: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*: Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 32-51.

KOHAN,Walter Omar; FERNANDES Rosana Aparecida. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 46, p. 1-26, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046236273.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação Depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, 2002. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

LARROSA, Jorge. Professor precisa encontrar a beleza no mundo para motivar os alunos. Entrevista concedida a Maria Victória Oliveira. *Porvir Inovação em Educação*, São Paulo, 2021. Disponível em: https://porvir.org/professor-precisa-encontrar-a-beleza-no-mundo-para-motivar-alunos-diz-filosofo-e-educador-espanhol/. Acesso em: 30 dez. 2024.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola*: uma questão pública. Trad. Celso Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

MEDEIROS, Tiago. A ética do silêncio na era Bolsonaro. *Revista Cult*, São Paulo, 2021. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/a-etica-do-silencio-na-era-bolsonaro/. Acesso em: 24 set. 2024.

MEDEIROS, Tiago. A ética do silêncio na era Bolsonaro. *Revista Cult*, São Paulo, 2021. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/a-etica-do-silencio-na-era-bolsonaro/. Acesso em: 24 set. 2024.

MITNICK, Kevin David; SIMON, William L. *A arte de invadir*: as verdadeiras histórias por trás das ações de hackers, intrusos e criminosos eletrônicos. Trad. Maria Lúcia G. L. Rosa. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MITTMANN, Veronica de Lima. *O devir-criança e a possibilidade de outramundar (neste mundo)*: o animismo infantil. 2024. 196 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

ORLANDI, Eni Purccinelli. *As Formas do Silêncio*: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. DOI: https://doi.org/10.7476/9788526814707.

PASSOS, Eduardo, ALVAREZ, Johnny. Cartografia é habitar um território existencial. *In*: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 131-149.

PELBART, Peter Pál. *O Avesso do Niilismo*: cartografias do esgotamento. São Paulo: Número 1 edições, 2013.

POZZANA, Laura. A Formação do Cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *In*: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana

(Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016. p. 52-75.

PRECIATO, Paul B. La izquierda bajo la piel. Um prólogo para Suely Rolnik. *In*: ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição*: Notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

PRECIATO, Paul. La izquierda bajo la piel. Um prólogo para Suely Rolnik. *In*: ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição*: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura. *Núcleo de Subjetividade*, São Paulo, 1997. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm. Acesso em: 23 dez. 2024.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. O conceito de experimentação na filosofia de Gilles Deleuze. *Sofia*, Vitória, v. 7, n. 2, p. 322-342, 2018. DOI: https://doi.org/10.47456/sofia.v7i2.20467.

Data de registro: 15/01/2025

Data de aceite: 24/09/2025